



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DOMINGOS RODRIGUES DO NASCIMENTO

(entrevista)

Petrolina, PE

2022

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA



Legenda: Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita: Domingos Rodrigues do Nascimento e Hallends Jonhson Almeida Gardel.

Projeto: Práticas Corporais e História Oral no Semiarido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

Número da entrevista: E-975

Nome do entrevistado: Domingos Rodrigues do Nascimento

Local da entrevista: Colegiado de Educação Física da Univasf - CEFIS

Entrevistadores: Christiane Garcia Macedo e Hallends Jonhson Almeida Gardel

Data da entrevista: 12/05/2022

Transcrição: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Copidesque: Hallends Jonhson Almeida Gardel

Pesquisa de termos: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 01 hora, 46 minutos e 35 segundos.

Páginas Digitadas: 30

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: NASCIMENTO, Domingos. Entrevista concedida por Domingos Rodrigues do Nascimento ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadores: Profa. Dra. Christiane Garcia Macedo e Hallends Jonhson Almeida Gardel. UNIVASF, Petrolina (PE), 12 mai. 2022, 34 p.

SUMÁRIO

Início no esporte e na Associação Petrolinense de Atletismo (APA Petrolina); Fundação da APA; Contexto do esporte na região do Vale do São Francisco na época da fundação da APA; Principais apoios, desafios e dificuldades na fundação da APA Petrolina; Onde se deram os primeiros treinos; Primeiros atletas da APA; Início da Atleta Fernanda Iara; Principais mudanças na APA da fundação aos dias atuais; Organização da associação; Conquista do Campeonato Paralímpico Brasileiro; Algumas conquistas de atletas; Filiação ao Comitê Brasileiro de Clubes (CBC); Histórias marcantes de atletas; Posição atual da APA Petrolina no cenário nacional; Formas de captação de recursos; Rotinas de treinamento; Auxílio Bolsa Atleta; Quadro de professores e voluntários; Patrocinadores, parceiros e apoiadores da APA; Posição dos principais atletas no ranking nacional; Contribuição da APA Petrolina na vida do entrevistado; Considerações finais.

Petrolina (PE), 12 de maio de 2022. Entrevista com Domingos Rodrigues do Nascimento (D.N.) a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo (C.M.) e Hallends Jonhson Almeida Gardel (H.G.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C.M. – Domingos, então, só, oficialmente, agradecer muito pelo seu tempo, por se dispor a contar essa história para gente.

H.G. – Bom dia, Professor Domingos, obrigado por mais uma vez pela presença, por se disponibilizar, disponibilizar seu tempo, a ajudar a gente nesse trabalho de resgate da história da APA, eu vou te fazer algumas perguntas, se você puder responder com riqueza de detalhes pode ficar à vontade para responder cada uma delas, são perguntas direcionadas à fundação, a evolução, algumas transformações que a APA promoveu na vida dos atletas e alunos, e sobre a situação que a APA se encontra atualmente. Primeiro eu peço que você se apresente, por favor.

D.N. – Bom dia, eu sou Domingos Rodrigues do Nascimento, policial militar há quase quinze anos, professor de educação física, Bacharel em Educação Física formado pela Univasf, atualmente presidente e treinador da APA.

H. G – Qual sua história com o esporte, como você iniciou no esporte?

D. N – Minha história com o esporte começou desde a minha infância, eu sempre gostei de final de semana assistir corrida de rua, antigamente transmitia muito corrida de rua, hoje só são transmitidos “flashes”, antigamente eram transmitidas as corridas todas, e eu pequeno ia pra frente da televisão, assistindo aquelas corridas, e já querendo estar no meio, querendo estar ali, assistia a São Silvestre, a Meia Maratona do Rio de Janeiro, Maratona de São Paulo, aquilo sempre me chamou a atenção, sempre fui apaixonado por esporte, qualquer esporte que inventavam, voleibol na rua, futebol, futebol com “travinhas”, sempre fui apaixonado por esporte. Com doze anos, jogando bola eu quebrei o braço, aí me disseram que eu não podia mais jogar bola, que se eu quebrasse o braço novamente teria que amputar, meus pais me fazendo medo. Eu pensei que não iria mais poder jogar bola e dois anos depois eu estava

na escola Joaquim André Cavalcanti e entram o Professor Marciano¹ e Professora Edileuza² na sala e disseram que estavam montando uma equipe de atletismo para os jogos escolares, meus olhos brilharam naquela hora, era o que estava faltando na minha vida. Marciano começou a treinar e eu me aproximei, não tinha talento nenhum para o atletismo, lançamento, arremesso, prova de velocidade, salto, corrida, eu com catorze ou quinze anos percebi que não tinha talento, mas o diferencial de Marciano é que ele é de incentivar de acreditar, ele não deixava ninguém para trás, e me disse que iria me colocar nas provas mais longas, das provas de atletismo era a que eu me dava melhor, e eu tinha muita vontade, era muito dedicado, e com a minha dedicação nos treinamentos, sempre querendo mais, terminou que eu consegui ter evolução na corrida, mas mesmo assim era aquela coisa que para ser atleta de nível não era o bastante, eu poderia melhorar bastante, ser competitivo, mas não atleta de alto nível, eu já havia percebido.

H. G. – Você iniciou em que distância, meio-fundo, fundo?

D. N – Primeiro ano que eu participei de jogos foi nos jogos escolares foi em 1998, corri 5.000m, doze voltas e meia no estádio, e 2.500m, eu fui oitavo nas duas provas, e só tomando volta dos primeiros. Terminou o ano e eu disse a Marciano que os jogos escolares só iriam ocorrer novamente no próximo ano e que se eu parasse de treinar iria deixar de evoluir, e ele me fez um convite para treinar com ele a noite, porque ele também era atleta e faz parte de um grupo de corrida. Foi aí que eu conheci Santana³, ainda com 14 anos, no mesmo ano, o pessoal foi para uma seletiva em Salvador de 15km, eu estava correndo 5km e, de repente, no final do ano eu estava correndo 15km, fui para a seletiva para a São Silvestre e foi meus primeiros 15km, comecei a treinar os 10km, 12km e consegui fazer essa corrida lá. Na época Santana foi na minha casa, conversou com meus pais, eu tinha 14 anos, e por ser muito novo meus pais não queriam me liberar, Marciano foi lá conversar com eles e eu comecei a entrar nesse mundo da corrida de rua.

H. G. – Nessa época que Marciano te convidou, a APA já existia?

¹ Marciano Pereira Barros.

² Francisca Edileuza de Alencar Carvalho.

³ José Carlos Santana

D. N. – Não, a APA não existia. Existia a equipe de atletismo do EJAC, Escola Joaquim André Cavalcante, que por sinal era disparada quem dominava tudo, era campeã em praticamente todas as categorias e paralelo tinha o clube de corrida de Santana, que se chamava Spiridon, eu entrei nesse clube e comecei a correr com a camisa do Spiridon, as corridas de rua que tinha aqui, em Salvador, Campina Grande, fiz algumas corridas aqui pelo Nordeste que o pessoal ia e eu estava colado, foi o primeiro grupo que eu participei. No ano seguinte ele mudou o nome de Spiridon, Spiridon Louis, salvo engano foi o cara que correu de uma cidade para outra, foi quando surgiu a questão das maratonas.

H. G. – Você recorda o ano que entrou nesse grupo?

D. N. – 1998. Então eu fui vivenciando, fui vivendo e comecei a entrar nesse mundo de atleta, meu desempenho escolar melhorou muito, porque aquelas amizades de rua eu deixei de lado, comecei a focar no esporte. No ano de 1999 eu realmente fui atleta, eu treinava de segunda a sábado e meu desempenho melhorou significativamente, tanto que no ano seguinte, nos jogos escolares de Petrolina eu ganhei nos 5.000m, fui pra Recife, fui 5º lugar nos 800m, fomos terceiro nos jogos de revezamento, fui pra Recife, lá a competição muito forte, acho que eu dei umas seis voltas e comecei a passar mal, sai vomitando da prova. Durante essa trajetória de 1999 treinei muito, comecei a dormir cedo, me alimentar bem, acho que foi o único ano da minha vida que eu realmente fui atleta de verdade, fazendo tudo certinho e o meu desempenho melhorou pra caramba. Foi o ano que eu consegui os melhores tempos 5.000m, 10.000m, 15km e 21km. Era aquele negócio, mesmo se “matando” não dava para ser atleta de alto nível, meus pais dizendo que eu tinha que estudar, eu tinha um primo no Senai, meus pais diziam que eu tinha que entrar no Senai, que eu tinha que ter uma profissão, fiz Senai, eu e um primo, no final de 1999, fui pra Recife, para os jogos escolares, para a fase estadual, e quando voltamos fui ver o resultado, fiz curso para mecânico de auto e não passei, fiquei na suplência de manutenção, fui parar no curso de eletricidade, entrei no Senai, era de manhã e a tarde, dois períodos, e a noite eu estava na Escola Joaquim André estudando, em virtude disso, praticamente, no ano de 2000 eu dei uma recuada. Eu resolvi estudar e me afastei do esporte, treinava quando dava, ainda participei dos jogos, mas não era a mesma coisa, já não estava treinando como antes. A correria do Senai me afastou um pouco do esporte, mas na cabeça eu dizia que ia voltar, passei 2000 e 2001 no Senai aqui de Petrolina, e surgiu a oportunidade de fazer curso técnico em Recife, mais dois anos em Recife, eu

abraçei essa causa e fui para Recife, morei dois anos, mas a paixão pela corrida continuou, e eu lá em Recife, sempre em contato com Marciano, dava minhas “carreirinhas”, participei lá em Recife de algumas corridas de rua, não me desvinculei totalmente. No final de 2004 eu voltei e a primeira pessoa que eu procurei foi Marciano. Disse a ele que queria voltar a correr, comecei a trabalhar e já não era mais a mesma coisa, em 2006 passei na polícia, quando eu passei pensei que ia voltar a correr com qualidade, foi um pouquinho de ilusão, achava que ia sobrar mais tempo, só que de fato eu passei a ter mais tempo, o período de curso de formação foi puxado, eu passei um ano aqui trabalhando em regime de escala, depois fui trabalhar interno pela manhã, tinha a tarde e a noite livre, foi quando eu consegui voltar a treinar com qualidade, me aproximei de Marciano de novo e voltei a correr, me colocaram na diretoria da APA, eu fui vice na gestão de Natanael⁴, mesmo que sem querer, dizendo que não tinha tempo pra isso, dizendo que não queria, mesmo se esquivando, eu sabia que era atribuição. Entrei na polícia e decidi fazer o curso de Educação Física, tentei o Curso de Formação de Oficiais da Bahia uma duas vezes, andei passando na segunda vez, talvez se tentasse a terceira vez teria entrado, mas no último ano que eu tentei o CFO, em 2010, abriu educação física aqui, levei um tombo no primeiro vestibular e no segundo eu passei, fiz CFO lá na Bahia, Educação Física aqui e Direito na Uneb, passei em Educação Física e resolvi fazer o que gosto. Entrei no Curso de Educação Física em 2011, conversando com Marciano e ele me disse pra eu montar uma equipe de atletismo, e em 2011 abriu o CPM de Petrolina e eu falei com o comandante para abrir uma equipe de atletismo, expliquei que era ex-atleta e estava cursando Educação Física na Univasf, e ele liberou, isso em 2012, a partir de 2012, de fato eu virei treinador, comecei a trabalhar com atletismo escolar. A diretoria veio depois, a partir do momento que eu comecei a treinar e me aproximei de Marciano, da APA, até então nossos atletas competiam o paralímpico, que iniciou em 2008, com Josualdo e Daniel, os dois tem uma história bonita, foram os pioneiros, hoje temos uma equipe com mais de 40 atletas, mas os dois foram pioneiros, foram que abriu as portas. No esporte olímpico, a partir de 2008 já competiam como APA no circuito paralímpico, mas no olímpico a gente não tinha vínculo com CBAAt, competíamos por uma equipe de Recife, era uma dificuldade grande, mas estava indo, comecei a mandar atletas para as competições em Recife, comecei a viajar, entrar nesse circuito, Natan e Marciano disseram que a gente tinha que organizar junto a CBAAt para termos nossos atletas competindo por aqui, em 2015 nos

⁴ Natanael Pereira Barros.

vinculamos a CBAAt e a partir daí nossos atletas olímpicos passaram a competir como APA. Eu já participei desse processo de filiação, papelada, correndo atras, e em 2016 me colocaram na chapa, e eu viajei e não sabia que estava na chapa, quando eu voltei já recebi a notícia que a chapa havia sido eleita e eu era o vice presidente da APA, e eu disse “vamos simhora” (risos). Natanael me chamando para ajudar ele e eu não tinha tempo, treinando o pessoal, trabalhando no 5º BPM ainda, dando treinamento no Colégio, era casado, minha vida ficou bem corrida, e Natanael pedindo ajuda, dizendo que estava sobrecarregado, e aos poucos eu fui pegando as coisas como filiação de atletas no olímpico, paralímpico, aos poucos fui dividindo as tarefas com Natan. Mesmo assim tentando me “esquivar”, estamos colhendo uns frutos bons, mas desde uns três anos pra trás sofremos para organizar a parte burocrática, muitas demandas, trabalhando final de semana em casa, virando noites fazendo documentos. Talvez tenha sido por isso que a minha vida conjugal “minou”, mas faz parte.

H. G. – No início da sua fala você tocou num assunto importante que é também nosso objetivo, fomentar a melhoria da qualidade de vida na região do Vale do São Francisco através da divulgação do trabalho da APA e você citou que através do esporte seu meio social mudou, suas amizades, sua responsabilidade, o que mudou na sua vida quando você aderiu ao esporte?

D. N. – Mudou tudo, na época eu tinha 14 a 15 anos de idade, estava sem saber direito o que queria, meio rebelde, batendo boca e discutindo com os meus pais, aquela fase complicada, e o esporte me acalmou, fez ter foco, objetivo, projetar meus objetivos lá na frente, meus estudos melhorou, amizades de rua eu praticamente cortei, eu tinha uns amigos na rua que a gente saía e eu me recordo de uma situação, era eu e mais três e a gente saiu pra uma festa no bairro e de repente uma galera cercou a gente e disse “eram esses aí”, eu olhei para um lado e para o outro e pensei o que a gente teria feito pra ocorrer isso, eles iam bater na gente, quando cercaram a gente o “cabeça” da galera conheceu um de nós chamado Rosemberg⁵ e perguntou se estava tudo beleza e mandou deixar a gente seguir, e eu fiquei pensando no fato de que a gente ia apanhar sem saber do que se trata, quando cheguei em casa resolvi que nunca mais eu saio com os caras, a partir daquele momento iria andar sozinho, eu já estava no esporte e me deu aquele “start” e eu disse que ia seguir minha vida no esporte, que aquelas

⁵ Nome sujeito a confirmação.

amizadas não tinha futuro, ficar apanhando de graça na rua, acendeu aquela luz e eu deixei de andar com o pessoal.

C.M. – Você estava no início da APA, na fundação?

D. N. – Estava não. A APA surgiu em 2003, com a Professora Edileuza, Marciano, Natanael, Professor Ronilson, na época eu estava no Senai, em Recife, na época da fundação, em 2003 e legalmente a partir de 2006, eu era atleta, só fui entrar no Curso de Educação Física em 2011, então essa parte de ser treinador e dirigente foi de 2011 pra cá. Eu não participei da fundação, mas já era membro como atleta.

C.M. – Você sabe por quê a APA foi fundada?

D.N. – A APA foi fundada devido a necessidade de organização, existia um grupo de corrida, o EJAC, só que se travava de um grupo de escola, existia a necessidade de expandir mais, existia o grupo de corredores aqui da cidade de Petrolina, e eles precisam de uma identidade e em 2003 o pessoal se reuniu e criou a Associação Petrolinense de Atletismo, como nome, mas legalmente só a partir de 2006, o Professor Vilas Boas⁶ tinha uma Associação registrada, mas estava cheia de pendências e problemas, e ele repassou a associação para Natanael e Marciano, eles passaram a fazer parte da diretoria e Natanael organizou a papelada toda, pagou umas multas que haviam, e, de fato, a partir 2006 a gente se regularizou e virou Associação de Desenvolvimento Esportivo, Cultural e Educacional do São Francisco, e em 2020 a gente mudou o nome para Associação Petrolinense de Atletismo.

H.G. – Qual era o contexto do esporte na cidade de Petrolina, Juazeiro e região na época da fundação da APA, como estava a questão do esporte no Vale do São Francisco?

D.N. – No início de 2003 e em 2006 o forte daqui sempre foi a corrida de rua, foi a mola propulsora e até hoje é o carro chefe da APA, tanto no seguimento paralímpico, quanto no olímpico, são as provas de fundo, de resistência, que se iniciou lá atrás com as corridas Tiradentes⁷, tradicionalmente a Tiradentes aqui na região, que é uma corrida que tem todo

⁶ Luiz Martins Alves Vilas Boas.

⁷ Competição realizada em Juazeiro- BA.

ano, oficialmente, é um projeto de lei e todo ano ela é realizada, e outras série de coisas que ocorriam aqui na região, um ano tinha, outro ano não tinha. Então foi isso, iniciou-se para organizar um grupo de corredores de rua.

C.M. – Tinham outros grupos e corredores de rua aqui na região?

D.N. – Aqui na região, na época, existia o de Santana, que foi embora e Marciano assumiu e existia o de Arióstenes⁸ em Juazeiro, somente esses dois. O foco era corrida de rua, de 5km a 21km, o pessoal viajava pelo nordeste, corriam na cidade de Aracajú, em Salvador, eu corri em Recife, Campina Grande, Salvador, Maceió, Teresina, participei de algumas dessas corridas. Na época, pelo Spiridon de Santana, Unisporte, uns 2 anos depois Santana foi embora e Marciano assumiu, quando eu voltei pra Petrolina, no início de 2004, Marciano já era treinador da equipe, de fato, não só do Joaquim André, mas da equipe do professor Santana, já como APA. Eles fundaram em 2003, e em 2004 quando eu voltei a morar em Petrolina já era APA, a gente já tinha as camisas da APA, Associação Petrolinense de Atletismo, de 2003 pra cá.

H.G. – Quais foram, no início, os principais apoios, quem chegou junto pra ajudar, quais foram os principais desafios e dificuldades para fundação da APA, você recorda?

D.N. – Apoio não existia, sempre foram filantrópicos, aqueles apoios diretos, pessoa física, apoios individuais, para atletas individuais, a gente, enquanto instituição, parcerias e projetos com leis de incentivo e iniciativa privada para a APA foi de 2018 pra cá. Já possuíamos conta, e um dos recursos que realmente entrou na conta da APA foi a premiação do circuito paralímpico, no qual a gente foi vice-campeão brasileiro em 2017, o campeão era 10.000,00 (dez mil reais), o segundo colocado era 6.000,00 (seis mil reais) e o terceiro 4.000,00 (quatro mil reais), e a gente recebeu 6.000,00 no final de 2017, foi o primeiro valor que entrou na conta da APA. De fato, dinheiro na conta foi o primeiro que entrou. Acho que em 2018 a gente fez o convênio com a ARA Agrícola, que é Antônio Sena, que corre, é maratonista, conheceu o projeto da gente e gostou, foi aí que a gente começou a “engatinhar” com relação a isso. Em 2018 a gente escreveu o projeto da lei do incentivo, no antigo Ministério do

⁸ Nome sujeito a confirmação.

Esporte e conseguimos aprovar o projeto no valor em torno de 900.000,00 (novecentos mil reais), dos quais conseguimos captar pouco mais de cinquenta por cento, junto a Bayer, deu quase 500.000,00 (quinhentos mil reais), era tudo novo pra gente, as adequações do projeto, a gente captou em 2018 e 2019, readequamos todo o projeto para começar a executar em 2020 na pandemia, o dinheiro na conta e a gente não conseguir fazer nada, em 2021 foi que a gente começou a usar esse dinheiro, praticamente três anos após ter aprovado o projeto.

C.M. – No início, vocês tiveram apoio sem ser de dinheiro, por exemplo, de liberações de espaço para treinar?

D.N. – A APA é o que é hoje graças a essas parcerias institucionais, como a Univasf, SESI, que através de convênio, em 2014, cedeu o espaço onde treinamos até hoje, nesse mesmo período fizemos um convênio de liberação de transporte com o Instituto Federal, o qual funciona até hoje, inclusive estamos indo hoje ou amanhã disputar o Campeonato Norte-Nordeste em Recife no transporte do IF.

C.M. – E no início, aonde vocês treinavam?

D.N. – No Parque Municipal Josefa Coelho, é um espaço público que a gente utilizava. Em 2014, o gestor do SESI chamou a gente para fazer um convênio para irmos treinar na pista de lá, tendo em vista que a pista estava ociosa. Temos outros convênios, como a Conab que cuida da contabilidade da APA, que hoje pagamos através dos projetos, a parte contábil é fundamental para as coisas administrativas fluírem.

C.M. – E os desafios e dificuldades?

D.N. – São inúmeros, as dificuldades são inúmeras, o trabalho é todo voluntário, todos têm suas obrigações, todo serviço é feito nos horários de folga, eu e Natanael sacrificamos muito tempo livre para colocarmos as coisas em ordem, então foi a duras penas que chegamos onde chegamos. Hoje a nossa briga, eu e Natanael, é para a construção de uma sede, em parceria com Ana Augusta, ela tem um espaço que quer construir uma clínica para o marido, que é médico, mas ela disse que não vai usar por um bom tempo, a gente deu uma ajuda financeira, mínima, ela está fazendo toda a estrutura para quando for virar uma clínica, mas

disse que nos próximos quatro anos a gente pode ficar tranquilo lá. Vamos pagar aluguel lá, mas queremos deixar a sede funcionando e ter alguém lá trabalhando na parte administrativa para desafogar eu e Natanael, pra a gente poder estar mandando as demandas pra lá porque a gente chegou a um patamar hoje que precisa disso “pra ontem”, chega um momento que a gente não consegue dar conta, no momento eu estou de licença da polícia, estou só na APA hoje, mas a partir do dia 01 de julho eu volto a trabalhar na polícia, já complica a minha vida, Natanael é funcionário da Prefeitura de Juazeiro e conseguiu, junto com a Prefeitura de Petrolina, e cederam ele para a Prefeitura Municipal de Petrolina, então Natanael fica em casa só fazendo coisas da APA, foi onde deu uma aliviada, mas a demanda é muito grande.

C.M. – A Prefeitura aceita que o Natanael faça somente o serviço da APA?

D.N. – Exato. A gente tem uma proximidade com a Prefeitura de Petrolina, a Prefeitura de Juazeiro cedeu Natanael para a Prefeitura de Petrolina e, por enquanto, Natanael está agregado resolvendo as coisas da APA, fica trabalhando em casa, pode ir na casa dele agora que ele estará lá agora de manhã fazendo as coisas da APA. Esse projeto Federal que a gente tá rodando tem muitos detalhes, a prestação de contas é muito minuciosa, tem que estar alimentando todos os dias com informações, as planilhas de execução e prestação de contas são gigantescas. Ele hoje compreende as planilhas, mas foi difícil, é uma demanda diária, não falta trabalho.

H.G. – Você se recorda da primeira diretoria da APA Petrolina, quem eram os diretores, é a mesma composição de hoje?

D.N. – Foi fundada em 2003, e a partir de 2006 a gente compôs a chapa, acho que Natanael era um dos membros, acho que Vilas Boas estava lá ainda, mas tem algumas pessoas que não me recordo. Em 2010, acho que Natanael assumiu o primeiro mandato como presidente da APA.

H.G. – Quais foram os primeiros atletas que você tem lembrança desde a fundação da APA?

D.N. – Nosso primeiro atleta que teve um destaque foi um menino do Bairro José e Maria que foi vice-campeão brasileiro escolar nos 1.000m, estou esquecido do nome dele,

resultados precisos já com Marciano, acho que foi o primeiro resultado, foi a primeira medalha a nível nacional de atleta de base escolar da nossa região, foi medalha de prata, treinava com Marciano e era aluno do Joaquim André. Surgiu Edson⁹, em Juazeiro, na Escola Pedro Rêgo, Marciano foi dar aula em parceria com a Professora Edileuza. No mesmo sistema, Professora Edileuza dando aula em Juazeiro, coloca Marciano para ser treinador e descobre Edson. Na época, Edson ficou correndo pela APA, pela equipe de Santana, mas acho que Edson foi o pioneiro.

C.M. – O Edson era do Paralímpico?

D.N. – Não. Essa questão do paralímpico na APA começou com Fernanda Iara, que era aluna do Joaquim André, nasceu com uma amputação na altura do cotovelo, ela treinava e participava dos jogos escolares no atletismo convencional, corria muito, subia nos pódios, acho que em 2007 ou 2008, Josoaldo¹⁰ já corria com a gente, já era atleta, tinha vindo Josoaldo e Justino¹¹ de Dormendes, Josoaldo enxergava de um olho, perdeu com nove anos, corria no atletismo convencional, nessa época veio Justino, um pouco depois, por volta de 2009, surgiu o Francisco Daniel Coelho da Silva também, com muita dificuldade de locomoção, começou a correr por volta de 2008. Alguém, que não lembro quem, orientou Marciano na questão do circuito paralímpico, e ele colocou Fernanda Iara, em 2008, para participar do circuito paralímpico, e se classificou para as paraolimpíadas de Pequim em 2008, treinava com Marciano, em 2007 e 2008, participou de algumas competições paralímpicas e já foi classificada para Pequim em 2008.

H.G. – A APA já foi fundada pensando no esporte paralímpico, ou foi nesse momento que despertou.

D.N. – O paralímpico que veio até a gente.

H.G. – No caso, foi com essa atleta?

⁹ Edson Amaro Arruda dos Santos.

¹⁰ Josoaldo Coelho da Silva.

¹¹ Justino Pedro da Silva.

D.N. – Foi com Fernanda Iara. Naquele momento deu um “start”, tínhamos que daí pra frente só crescer. Coincidiu nesse período de Josoaldo perder a visão do outro olho, ficando cego, Marciano contando é espetacular, disse que ele chegou pra Marciano e perguntou: “E agora?”, e Marciano respondeu: “Agora você vai ser atleta paralímpico”, sobre a história de Josoaldo tem uma matéria dele no YouTube, não tem como não chorar numa matéria daquela, contando a história dele. Ele perde a visão hoje, daqui a trinta dias ele já estava treinando com Laércio¹², seu guia, e no mesmo ano já estava participando do circuito paralímpico, ele, Daniel, e nesse glamour que teve de Fernanda Iara, que foi embora para Recife e está nessa equipe até hoje, treinou com a gente hoje, mas ela passa maior tempo em São Paulo por fazer parte da equipe, teve no panamericano de 2020, ano passado teve nas paraolimpíadas, foi medalhista no Pan, ganhou dois bronze, é uma atleta de alto nível hoje.

H.G. – Nesse momento, esses dois atletas já eram classificados pelo comitê paraolímpico, já possuíam classificação?

D.N. – A gente inscreveu, fizeram a classificação, já começaram a participar do circuito nesse período e de lá pra cá sempre figuravam entre os três melhores do Brasil, Daniel e Josoaldo, se mantêm a dez anos entre os melhores.

C.M. – E a Fernanda Iara, que você comentou do braço?

D.N. – Também se mantém entre as melhores, hoje na classe dela, nos 400m e 200m, ela é a melhor do Brasil, ela corre pela AAPD¹³, do Professor Abraão¹⁴, lá de Recife, mas começou com a gente. O professor Abraão é um parceiro da gente, nossos atletas convencionais competiam antes pela APPD, do Professor Abraão. Mas surgiu a necessidade de a gente ser independente, já visando essa questão de recursos, não teria como conseguir recursos se a gente não fosse independente. É um trabalho de 2015 pra cá. Os nossos atletas que estavam filiados à APPD trouxemos todos de volta para a APA.

C.M. – A Fernanda Iara mudou lá de Recife?

¹² Laércio Lima da Silva.

¹³ Associação de Apoio as Pessoas com Deficiências.

¹⁴ Abraão Joaquim do Nascimento.

D.N. – Na época, ela morou um tempo em Salvador, Recife, mas ela reside em Petrolina, mas passa mais tempo em São Paulo, no Comitê Paraolímpico.

H.G. – O que é que você enxerga como principais mudanças na APA, no geral, desde a fundação até os dias atuais, o que a APA não tinha, ou tinha, anteriormente, na fundação, que hoje conseguiu evoluir, conseguiu suprimir?

D.N. – O que eu vejo muito nas outras equipes é muita lamentação, que não chega nada, não acontece, e de fato não vai acontecer nada se a gente, enquanto instituição, não procurara a questão da mudança e conhecer as diretrizes, as leis que regem o esporte no país, eu acho que isso foi o ponto fundamental para agente, foi parar de se lamentar e arregaçar as mangas.

H.G. – Organização, como você falou antes, vai ter uma sede agora, estão providenciando alguém justamente para cuidar do coração da instituição.

D.N. – Hoje a gente consegue pagar uma equipe de marketing, que eu acho fundamental, a gente foi para o último campeonato brasileiro levando quatro jornalistas, o rapaz da empresa que faz o nosso marketing, um fotógrafo e um menino filmando e fazendo os vídeos, é outra coisa a qualidade que dá nos resultados é espetacular, as matérias e as postagens de alta qualidade.

H.G. – Eu acompanho o site e a qualidade das publicações, os históricos.

D.N. – É um negócio instantâneo, quando o resultado sai o pessoal já está com a arte pronta, só esperando a foto para publicar, é outro nível, isso dá uma credibilidade para os parceiros perceberem que a gente trabalha sério, agrega valor, a mídia hoje é fundamental para o desenvolvimento. E a gente precisa de resultados, tem muita gente que tem resultado mas não tem divulgação, esses resultados acontecem, mas a parte midiática é aquém, termina passando despercebido. A lei de incentivo ao esporte está aí para todo mundo, hoje modernizaram ela, a primeira vez que a gente fez em 2018 era muito papel para Brasília, hoje é tudo online, tudo pelo computador, é uma praticidade retada, a gente hoje tá tocando esse projeto, aprovamos ele e também umas escolinhas de atletismo, estamos fazendo um

papel que aprovou dois núcleos de escolinha de atletismo, isso é função do poder público, da prefeitura, do estado, de fomentar isso aí, a gente, enquanto instituição, é sem fins lucrativos, mas somos uma instituição privada, estamos fazendo uma coisa que o estado e o município poderiam estar desenvolvendo através de lei de incentivo ao esporte.

H.G. – Diante dessa ausência do poder público, vocês estão se transformando em norteadores de subprojetos, vamos dizer assim, estão fomentando outros projetos?

D.N. – A gente pensa no desenvolvimento da modalidade, detecção de novos talentos, lá na frente outros “Justinos”, outros Edson Amaro descobertos, se não fomentar, como o menino que está lá na periferia vai surgir, se o esporte não chegar até ele, eu sou essa sementinha que eu me transformei foi plantada lá atrás, em 1998 no colégio, se o atletismo nunca tivesse chegado ao colégio talvez eu teria seguido outro rumo, nada haver com isso aqui. Eu trabalho no colégio da polícia, a gente participa de jogos escolares, o esporte escolar e o esporte de várzea são muito aquém do realmente os países de primeiro mundo fazem, não é, professores de educação física não têm motivação para trabalhar, nem carga horária direito para trabalhar o esporte na escola eles têm, é mais sala de aula, então fica bem complicado.

H.G. – Hoje no Vale do São Francisco só existe a APA desenvolvendo esses projetos?

C.M. – No atletismo?

D.N. – Só. Nessa pegada do atletismo só, existem clubes de corrida particulares, lazer e quem está a frente tem a questão financeira.

H.G. – Não é filantrópico, não é social?

C.M. – Associações Esportivas?

D.N. – São projetos particulares para participar de corrida de rua, mas no contexto qualidade de vida.

H.G. – Qual o raio que tem uma outra instituição do porte da APA, ou que tenha a mesma missão?

C.M. – Em algum interior?

H.G. – Qual a mais próxima daqui?

D.N. – Santa Maria da Boa Vista criou uma, mas está recente tem um ou dois anos que eles criaram, não sei em que pé está, se estão desenvolvendo algum trabalho, tem o Cap Rinaldo¹⁵ que estava morando lá, ele estava com um projeto de corrida de rua lá que estava “engatinhando” lá, não sei, mas eles criaram essa associação lá.

H.G. – Você tem noção do porte da APA, que já são concorrentes da APA, que disputam campeonatos em São Paulo, a APA está entre as maiores do Brasil, existe um ranking?

D.N. – No seguimento Paralímpico eu acho que a APA hoje é a maior, o resultado que a gente teve agora mostra isso, a gente hoje é uma potência, não é uma coisa que aconteceu da noite para o dia, em 2017 nós fomos vice-campeões, foi uma surpresa, quando a gente viu a possibilidade de sermos vice-campeões, saiu o resultado, terminou tudo lá e a gente foi vice-campeão geral, foi onde a gente recebeu o primeiro recurso, aquilo foi um “êxtase” foi ali que a gente viu que dava pra ser campeão, dá pra ser o melhor, o que estava faltando pra gente, temos muitos atletas entre os melhores, mas está faltando atletas na seleção, nas paraolimpíadas, aí veio a Samira no ano passado, a seleção é o ápice do atleta e da instituição que ele está representando. Em 2018 a gente foi 5º lugar geral, a gente foi nessa de “vamos pra cima” e ficamos em 5º lugar. Em 2019 a gente se organizou e eu disse “vamos brigar por esse título”, a questão de pontuação, muitas provas com dois, três atletas, e tinha o negócio de que para pontuar tinha que ter cinco atletas, porque o campeonato brasileiro são os oito melhores de cada prova, só que por causa da distância tem muita gente que não vai, tinha prova lá com quatro atletas, teve muita prova que deixamos de pontuar, em 2019 a gente ficou em 6º lugar, mas sempre as melhores, de 2017 pra cá entre as dez melhores do norte-nordeste só a gente. Agora em 2021 a gente foi para a primeira fase nacional em Março, eu

¹⁵ Rinaldo Cordeiro de Moura.

tive lá, fomos com sete a oito atletas, na pontuação a gente foi 5º geral, a que ficou em primeiro foi a equipe que a maioria dos atletas são da seleção, eles estavam contando que iam ser campeões do brasileiro, quando viram a gente lá disseram que a gente chegou para ser campeões mesmo, se surpreenderam com a gente.

C.M. – Tem alguma facilidade ou dificuldade por ser aqui do Nordeste, quando vocês chegam nas competições tem a mesma quantidade de competições que tem no eixo Sudeste?

D.N. – As dificuldades existem, apesar de estarmos conseguindo projetos incentivados, eles são bem engessados, a gente só consegue fazer o que está no papel, nossa dificuldade é mais financeira, nesse projeto a gente, pra essa competição, tinha catorze passagens e catorze hospedagens dentro do projeto, só que a gente tinha quase quarenta pessoas para levar, entre comissão e atletas, a gente levou trinta, daqui de Petrolina saíram trinta e duas pessoas e a gente só tinha catorze passagens, o conhecimento é poder, conta da gente desses patrocínios que a gente consegue movimentar, compramos mais onze ou foram doze passagens e os treinadores a gente fez o “medife”, porque o deficiente tem direito à acompanhante, que paga vinte por cento da passagem, do valor da passagem, e a gente comprou doze “medifes” pra acompanhante, pegamos doze atletas, fizemos a papelada toda que é exigida pela Gol, pela ANAC, acho que dava a média de duzentos reais cada passagem, a gente gastou pouco mais de dois mil reais em doze passagens.

H.G. – Como funciona esse processo?

D.N. – É medife, pessoas que tem alguma necessidade, cardíaco, deficiência física, existe a regulação dessa normativa, existe as doenças, as deficiências que têm direito. Existe um formulário que você preenche, existe o “fremec”, que você faz anualmente, preenche e o médico assina, manda pra empresa de aviação, a qual você tem costume de viajar, o “fremec” é uma prova, vale um ano, qualquer passagem, durante esse período, que essa pessoa com deficiência tiver necessidade de comprar pode levar um acompanhante pagando vinte por cento do valor, se a passagem custou mil reais, paga duzentos reais do acompanhante, a gente trabalha com isso aí também, compramos doze passagens para os acompanhantes, compra a passagem cheia do atleta e o acompanhante vai pagando vinte por cento, o “fremec” minimiza os custos, gastamos dois mil e quatrocentos dividido por doze.

H.G. – Hoje, você consegue precisar entre atletas e alunos, quantos a APA possui hoje?

D.N. – Filiados a gente tem muitos, mais em atividade a gente beira os trezentos, nessa quantidade tem uns cinquenta paralímpicos e o restante são olímpicos.

H.G. – Na sua visão, em todo o tempo de existência da APA, quais foram as principais conquistas, pode até elencar um ranking, três ou quatro, quantas você desejar, a conquistas maiores da APA?

D.N. – Acho que a principal é essa agora, esse título nacional coloca a gente num cenário nacional, eu vejo o paralímpico como um carro chefe, tem essa parte da comoção, da superação.

H.G. – Em toda existência da APA, esse foi o maior título?

D.N. – Acho que esse foi o principal, mas ainda existe as conquistas individuais, as convocações para a seleção, título nacionais com expressividade, um atleta do convencional chegar numa competição nacional e ganhar uma medalha é o ápice.

H.G. – Qual foi a principal conquista de um atleta olímpico, sem deficiência, pra você qual foi a maior, e de um atleta paralímpico?

D.N. – No paralímpico a ida de Samira Brito para, na época que Fernanda Iara foi para Pequim era vinculada à APPD, a gente tinha aquele processo dos atletas ainda não competirem pela APA, nesse processo ela competiu vinculada à APPD, a Samira foi de fato a nossa primeira atleta que foi representando a instituição aqui da cidade, a APA, convocada para as olimpíadas, eu acho que no paralímpico esse foi o ápice, a gente tem em 2011 o Francisco Daniel, que foi para Guadalajara, no México, ganhou duas medalhas lá, foi um momento muito bom para a instituição.

H.G. – Samira foi para as paraolimpíadas de Pequim?

D.N. – De Tóquio em 2021, a Fernanda Iara foi a propulsora lá atrás, foi pra Pequim em 2008, acendeu a luz, só que de fato a gente não competia como APA ainda, era da gente mas competia pela equipe de Abraão lá de Recife.

H.G. – Samira conseguiu o pódio?

D.N. – Samira foi sexta na final dos 100m e sétima nos 200m, mas hoje ela está muito melhor do que foi lá, ela fez a melhor marca pessoal nos 200m, acho que com essa marca nos 200m ela consegue o bronze. Samira com certeza, nessa pegada que ela está, estará em Paris. A gente tem projeção de ter mais atletas em Paris, temos duas meninas do escolar que foram convocadas para o mundial escolar, viajaram essa madrugada para a França, para participar da “gimnesia” de lá, todo mundo em idade escolar, são duas meninas que tem tudo para nos próximos dois ou três anos estarem na seleção.

H.G. – E atleta sem deficiência, qual foi o título que você achou mais marcante?

D.N. – Temos a medalha de Edson Amaro, Troféu Brasil de 2019, terceiro lugar, primeira medalha de um atleta da nossa região no Troféu Brasil, que é a maior competição de atletismo de pista da América Latina, na modalidade 10.000m, uma medalha numa competição dessas é muito difícil, muito difícil mesmo.

H.G. – Aconteceu aonde?

D.N. – São Paulo, em 2019.

H.G. – Recentemente, quais as maiores conquistas?

D.N. – Tem esse resultado de Justino, na meia maratona do Rio de Janeiro, campeão e recordista, fez o melhor tempo de todas as edições da Maratona do Rio, até os Quenianos que correram em anos anteriores fizeram em mais tempo que o Justino, foi um resultado muito expressivo.

H.G. – Se for contabilizar de 2003 pra cá, foram 19 anos, e agora que estão acontecendo os maiores resultados, é fruto de muito trabalho?

D.N. – De fato, é aquilo que a gente estava conversando com Natanael e Marciano, essa questão da organização administrativa e financeira nos proporcionou os resultados, pra gente conseguir bons resultados precisamos competir, temos que estar participando, a gente, em outros tempos, nunca conseguiria levar essa quantidade de gente para um Campeonato Brasileiro, o custo é muito alto, precisa de dinheiro para isso, praticamente a gente bancou tudo, passagem, hospedagem e alimentação.

H.G. – Vocês têm que trabalhar muito para serem vistos e reconhecidos e, depois que forem reconhecidos angariar apoio, é isso?

D.N. – Esporte de alto rendimento é muito caro, e essa questão de a gente conseguir participar de tudo, hoje a gente é filiado ao CBC, Comitê Brasileiro de Clubes, os grandes clubes são filiados, é uma coisa recente, de 2020 pra cá, a gente filiou-se em fevereiro de 2020, pagamos uma mensalidade de 4.200,00 (quatro mil e duzentos reais) por mês, o mesmo valor que a APA paga o Flamengo, o São Paulo, o Corinthians, o mesmo valor.

H.G. – E qual o retorno disso, os benefícios?

D.N. – Quando a gente se filiou, tínhamos passagens e hospedagem, entramos como filiado iniciante, começamos pagando 2.000,00 (dois mil reais), e a gente tinha direito a passagem e hospedagem para os campeonatos brasileiros, a gente tinha seis passagens para quatro campeonatos brasileiros, passagens e hospedagens, começou em 2020 e veio a pandemia e acabou tudo, a gente pagou o ano inteiro sem ter retorno algum.

H.G. – E não acumula?

D.N. – Não acumula benefício, de certa forma eles foram injustos, no finalzinho de 2020 as competições voltaram e a gente teve que pagar para mandar os atletas por que o CBC não estava cumprindo com as obrigações deles, em 2021 normalizou e as coisas voltaram a funcionar e a gente começou a mandar alguns atletas pelo CBC, passagens, hospedagens,

eles lançaram o edital 09 que era para filiado primário, mas pra sermos filiados primários teríamos que fazer as readequações, a única coisa que não precisava era ter espaço próprio, como tinha o SESI, nos colocamos a quadra, piscina, pista, e a gente conseguiu comprovar, mas como filiado primário a parcela dobra, foi pra 4.000,00 (quatro mil reais), para podermos concorrer a esse edital de material esportivo pro próximo ciclo olímpico, são 120.000,00 (cento e vinte mil reais) por ano. Estamos no processo da primeira compra agora, são 120.000,00 (cento e vinte mil reais) de materiais esportivos e uniforme.

H.G. – Nesse caso vocês entram numa concorrência, é isso?

D.N. – Não, o dinheiro é certo, a partir do momento que a gente começou a pagar os quatro mil, se readequou, comprovou tudo, começou pagar esse valor, concorreremos ao projeto, participamos de todo o processo e a gente foi contemplado com 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais por ano), 120.000,00 (cento e vinte mil reais) por ano, teve o pregão eletrônico, é trabalhoso de mais, muita coisa, você tem que estar alimentando o sistema praticamente todos os dias.

H.G. – Nesse Campeonato Paraolímpico Brasileiro, que a APA se consagrou campeã, a CBC deu suporte?

D.N. – A CBC não tem nada a ver com o paralímpico, a CBC só atende o seguimento olímpico. Esse ano eles estão alegando muito clube, dizendo que esse ano vão dar só passagens, e a gente tem o Campeonato Brasileiro Sub-16, Sub-18, 23 e Troféu Brasil, a gente tem trinta e seis passagens para essas quatro competições, somente passagens. Desses quatro campeonatos brasileiros podemos mandar dez pra um, oito pra outro, entre treinadores, comissão e atletas, só temos trinta e seis passagens para esse ano, da CBC, o que está valendo a pena é isso, a gente paga esse valor alto, dá uma média de 50.000,00 (cinquenta mil reais) por ano, mas só em material esportivo a gente tem um retorno de 120.000,00 (cento e vinte mil reais), mais as passagens, acho que termina compensando, e é uma coisa que agrega valor, os grandes clubes estão lá filiados ao CBC e a gente está lá no meio.

H.G. – Tem alguma história de atleta, você até se emocionou um pouco no início da entrevista, poderia resumir essa história que marcou, ou outras histórias, quais as histórias mais marcantes?

D.N. – Acho que a de Josoaldo¹⁶ é espetacular, a de Daniel¹⁷ também, eu vivenciei mais a de Ítalo¹⁸, que quando chegou para a gente a uns sete, oito anos atrás, ele não caminhava, dava três passos e caía, hoje o menino é altamente independente, vai treinar sozinho, vai para a academia, tem paralisia cerebral, mas ele disse que faz tudo, hoje ele corre, já figura entre os três melhores da sua classe a alguns anos, é atleta bolsista faz uns três a cinco anos.

H.G. – São histórias parecidas com aquelas do C.T. do Comitê Paralímpico Brasileiro, a gente vê crianças que não caminham, com pouco tempo já estão nadando, competindo, muda toda a vida da família, não é, melhora.

D.N. – Exatamente.

H.G. – Qual a posição da APA Petrolina hoje, no cenário nacional, a gente até falou um pouco sobre isso, mas hoje a APA está em primeiro lugar, no esporte paralímpico, não é?

D.N. – No paralímpico eu colocaria entre as melhores, no olímpico, com relação a resultados, não, mas com relação a estruturação e organização eu colocaria entre as melhores.

H.G. – Entre as dez?

D.N. – Fácil, entre as dez fácil, porque a gente, inclusive o próprio presidente da CBAAt, o Wlamir, quando vê a gente, ele diz, no meio de outros dirigentes dos outros, tem horas que eu fico com vergonha, “aqui é a APA Petrolina, hoje o orçamento deles é maior do que o do Pinheiros”, eu olho para um lado e para outro e penso se realmente está falando comigo [risos]. O Pinheiros é a maior equipe de atletismo do Brasil hoje, em termo de estrutura física, tem nem comparação.

¹⁶ Josoaldo Coelho da Silva.

¹⁷ Francisco Daniel Coelho da Silva.

¹⁸ Ítalo Rocha Da Silva.

H.G. – Ele, o Wlamir, se empolga muito quando fala da APA, é um grande admirador e parceiro.

D.N. – Hoje a gente é referência de organização para outras equipes, para ter projeto aprovado pela lei de incentivo a gente precisa da Certificação Nacional do Esporte, do Ministério da Cidadania, essa certificação é regida pela Lei Pelé, que foi criada para reger os clubes na questão de lisura, prestação de contas, onde fazemos todos os projetos corretos, com transparência, e uma das exigências para ter essa certificação é ter todas as prestações de contas no site, tem que ter site, tem que estar tudo lá escancarado pra todo mundo ver, acho que de equipe de atletismo só tem três no Brasil com essa certificação, a gente e mais duas.

H.G. – Vocês recebem constantemente a visita de gestores de outras equipes, para aprenderem o processo, pra passar o conhecimento?

D.N. – Visitas aqui em Petrolina, não, mas sempre que estamos em competições eles procuram a gente, batem um papo, perguntam como a gente faz para obter recursos, sempre tem.

H.G. – Então vocês já são referência?

D.N. – É, somos referência.

H.G. – Tanto nas competições quanto na organização, não é?

D.N. – Existem várias formas de captar recursos, Imposto de Renda de Pessoa Física, de Pessoa Jurídica, nesse período de captação e prestação de contas do imposto de renda, que todo mundo faz, quem ganha acima do teto, e tem os projetos de Lei de Incentivo das grandes empresas, que hoje são só empresas de lucro real, mas tá correndo no congresso, foi aprovado na Câmara dos Deputados, vai para o Senado agora, para ser de lucro presumido também, aumentando a arrecadação de 1% para 2% para pessoa jurídica, e de 6% para 7% para pessoa física.

H.G. – No momento só é lucro real?

D.N. – Essa lei de incentivo foi aprovada em 2006, o prazo de validade dela é até 2022. Inclusive o nosso ministro da economia queria que acabasse, queria que renovasse não. Ele não queria que renovasse, inclusive o Luís Lima, que é base do Governo estava no dia da votação na Câmara dos Deputados, e ele disse “Presidente, estarei com o senhor até o final, mas tem gente aqui querendo acabar com o esporte”, ele falando do Ministro Paulo Guedes, mas, graças a Deus, foi aprovado na Câmara dos Deputados, a renovação até 2028, dobrando o valor para 2% e entrando no lucro presumido.

H.G. – Hoje, como são organizadas as rotinas de treinamento, isso foi modificado ao longo do tempo, no início eram tais horários, por conta de alguma dificuldade, alguma situação, e hoje os horários são outros, devido à situação climática, ou coisa do tipo?

D.N. – Não, mantivemos nossos treinos principais, eles acontecem cada atleta treinando um período, hoje temos atletas fazendo treinamentos de Pilates, musculação em momentos posteriores aos treinamentos, que geralmente ocorrem pela manhã, quem pode, treina pela manhã, quem não pode treina a tarde, tem gente que treina a tarde, a gente tem a questão climática, de 09h até as 15h não tem condições de treinar no sol, tem a questão econômica, financeira, a dificuldade, acho que um período é suficiente para a gente conseguir os resultados necessários porque não adianta você cobrar dois períodos de treinamento, as vezes a alimentação do atleta não é adequada, então vai terminar não surtindo o efeito desejado, um período é suficiente, a gente consegue tudo pela manhã, o pessoal do atendimento treina pela manhã no SESI, a base fica a tarde, a molecada mais nova. Geralmente a gente treina de segunda a sexta, em um momento ou outro a gente faz um treino no sábado.

H.G. – Em virtude das dificuldades de locais e de espaços, o horário acaba ficando bem flexível?

D.N. – Exatamente, é porque tudo deve ser levado em consideração, questão de fatores econômicos, climáticos, sociais. Tem atleta que precisa acordar cinco horas para pegar um

transporte coletivo para chegar no treino, tudo isso tem que ser levado em consideração, se não vai terminar não tendo os resultados desejados.

H.G. - Na verdade, vocês não só adaptam à modalidade e sim ao dia a dia de atletas e paratletas, à realidade de cada um, não é?

D.N. – A medida que o atleta vai chegando em um outro patamar de resultados e vai tendo a necessidade de fazer outros trabalhos para melhorar o seu desempenho, a gente tenta parcerias, temos muitos atletas que têm parcerias individuais com clínicas de fisioterapia, que fazem a parte de fisioterapia duas vezes na semana, no outro turno, que é importante também, em um futuro, quem sabe, a gente uma sede própria, uma pista, um centro de treinamento que a gente possa ter tudo isso, nutrição, fisioterapia, medicina esportiva, tudo em um local só, que aí a questão dos resultados dá um salto de qualidade substancial.

H.G. – Vocês já estão nesse caminho, não é?

D.N. – As sementes já estão sendo plantadas, vamos ver aonde que isso vai chegar. Espero ver uma pista oficial em Petrolina, em breve. Vamos pra frente.

H.G. – Além de parcerias de apoio na parte de preparação de atletas, de viagens, de competições, existe alguma parceira de algum apoiador na questão da subsistência para o atleta que tem dificuldade de se alimentar bem, que precisa de um transporte?

D.N. – A gente sempre tem essa necessidade, tem muitos atletas que são de famílias bem carentes, que passam dificuldade, nada oficial, mas uma hora ou outra a gente consegue uma cesta básica que a gente direciona para quem precisa, até agora no final do ano passado a Dr. Érica¹⁹, da Movecare, fez umas trinta cestas básicas e passou pra gente distribuir para aqueles atletas que realmente precisavam.

H.G. – Também é uma necessidade, quando falamos em apoio, em recurso, em captação, a gente pensa somente em treinamento, em competições, em inscrições, na parte esportiva, e

¹⁹ Erika Thaynara Pereira Martins.

algumas vezes a gente deixa numa segunda prioridade essa questão pessoal, de subsistência, de alimentação do atleta, que conta muito no treino e no resultado, não é?

D.N. – É aí a importância dos projetos sociais voltados para o esporte com Bolsa Atleta, Passaporte Esportivo, o Governo disponibiliza passagens para alguns atletas com resultados à nível nacional, o Bolsa Atleta ajuda muito, temos mais de cinquenta atletas e paratletas recebendo bolsa, ajuda muito mesmo, bastante.

H.G. – De quanto em quanto tempo são disponibilizadas essas bolsas?

D.N. – São disponibilizadas anualmente, os atletas recebem mensalmente durante um ano, todo ano é renovada de acordo com os seus resultados esportivos.

H.G. – Então, um atleta só pode renovar, ou entrar no Bolsa Atleta, de ano em ano, não pode entrar no meio do ano entrar um atleta novo, é somente na renovação?

D.N. – Todo ano lançam um edital referente aos resultados do ano anterior.

H.G. – Quais são os pré-requisitos, quais são esses resultados, o atleta tem que ter algum resultado importante?

D.N. – Para receber Bolsa em Pernambuco, o atleta tem que ter conquista internacional, o atleta tem que ter conquista, por exemplo, foi participar nas olimpíadas, ele entra na Bolsa Olímpica, ou Paralímpica, que é 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), tem a bolsas internacionais, que é de mundial, panamericano e também conta a medalha, se é ouro, prata ou bronze, tem que ter ganhado uma das três pra ter bolsa internacional, para as bolsas nacionais tem que ter terminado o ano entre os três primeiros de cada modalidade, de algum ranking nacional, ou ter ganhado medalha no Campeonato Brasileiro, ouro, prata ou bronze. Esses que ganharam medalha agora no Campeonato Brasileiro já podem concorrer à bolsa no ano que vem, ganhamos trinta e três medalhas, então quem ganhou medalha agora já está habilitado a ganhar bolsa no ano que vem.

H.G. – Essas bolsas são distribuídas por modalidade, por categoria, ou no geral?

D.N. – No geral, todas as modalidades, o atleta se candidata, esse ano foram mais setecentos candidatos contemplados, o atleta vai concorrer na sua modalidade, o que habilita ele é a medalha de ouro, prata ou bronze na etapa nacional do brasileiro, ou fechou o ranking nacional e ele estiver entre os três primeiros em alguma prova, isso tanto pro Bolsa Nacional, quanto para o Bolsa Federal. Em Pernambuco, também possui o Bolsa Regional, que contempla quem recebeu medalhas de ouro no norte-nordeste, da gente foram contemplados dois nesse ano, ganhou medalha de ouro no norte-nordeste, esse atleta tem direito a concorrer ao Bolsa Atleta Estadual.

H.G. – O Estado da Bahia também possui Bolsa Atleta?

D.N. – O Estado da Bahia não tem Bolsa Atleta, voltado para o esporte o Estado de Pernambuco hoje está entre os melhores do Brasil. O município de Juazeiro tem o Bolsa Atleta, a gente tem três atletas lá recebendo o benefício.

H.G. – Pode um atleta receber o Bolsa Atleta do Governo Federal e o Bolsa Atleta do Governo Estadual, ou um elimina o outro?

D.N. – Pode acumular, a maioria dos nossos atletas recebe o Bolsa Atleta Federal e o Estadual.

H.G. – O Bolsa Atleta Nacional hoje tá pagando quanto, é um valor fixo?

D.N. – É um valor fixo, o Nacional tá pagando 925,00 (novecentos e vinte e cinco reais).

H.G. – E o Bolsa Atleta de Pernambuco?

D.N. – Pernambuco tem dois valores, medalha de ouro paga 1.000 (mil reais) e medalhas de prata e bronze pagam 750,00 (setecentos e cinquenta reais).

H.G. – Isso ajuda pra quem tem uma necessidade de calçado, não é?

D.N. – Ajuda, a questão da necessidade de alimentação mensal, ele consegue suprir.

H.G. – Melhora o foco do atleta pra treinar mais, porque ele já tem aquele valor garantido para pagar suas contas, para se alimentar, é um incentivo enorme, não é?

D.N. – É muito bom.

H.G. – Hoje, quantos e quais são os professores e treinadores que a APA possui, em quais modalidades, são muitos, qual o total?

D.N. – A gente trabalha muito a questão do atletismo, temos o paraciclismo com o Professor Erasmo²⁰, lá no SESI tem Marciano²¹, Givanildo²², Samira²³, eu, Carina²⁴, no N-10 tem Adriano²⁵ e Dejaci²⁶, em Ouricuri²⁷, Edinho²⁸, dá uma média de dez a doze.

H.G. – Quer dizer que vocês também têm professores e treinadores dando aula no N-10 e outro em Ouricuri?

D.N. – Temos um polo no N-10, Ouricuri a gente tá agregando, o atletismo de Ouricuri é muito forte e tem um professor lá que está fechando uma parceria com a gente, já tem alguns atletas dele competindo pela APA.

H.G. – Tem um núcleo da APA lá em Ouricuri, a APA está se expandindo, não é?

D.N. – Temos o Professor Ferreirinha²⁹, do distrito do Flamengo, em Jaguarari, os atletas competem pela APA nas provas de pista, uma boa quantidade já está filiada à APA.

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Marciano Pereira Barros.

²² Givanildo Marcos.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ Carina Cleures.

²⁵ Adriano Cunha Dias dos Santos.

²⁶ Dejaci Pereira.

²⁷ Cidade de Pernambuco.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

²⁹ Nome sujeito a confirmação.

H.G. – É sinal que a APA está ficando grande para a região?

D.N. – Verdade.

H.G. – Quais os principais apoios e dificuldades atuais?

D.N. – São parcerias que juntam no mês algo em torno de 10.000 (dez mil reais), só para o CBC a gente paga 4.200,00 (quatro mil e duzentos reais), a despesa é alta, a Bayer, a Elo, é através da lei de incentivo, pelos projetos, esses dois núcleos de escolinhas que estamos montando é com recurso do Banco do Nordeste, que é destinado apenas para as escolinhas, não podemos fazer outra coisa, vão ser dois núcleos, temos que comprar material e uniforme para setenta crianças, um núcleo no Bairro João de Deus e outro no SESI. Serão cinco profissionais, sendo dois professores, dois estagiários e um coordenador, durante um ano e meio.

H.G. – Todos esses recursos já são direcionados e já tem um período para serem usados?

D.N. – É direcionado. Já tem um projeto determinando como vai ser, quantos funcionários, como vai transcorrer, qual material vai ser comprado, tudo, tem que estar com tudo especificado, e pode fazer uma só adequação. Por isso que é engessado, surge uma demanda dessa, a gente tinha catorze passagens para o brasileiro, mas tínhamos trinta pessoas, mas não podíamos comprar trinta passagens, apenas catorze pelo projeto, tivemos que comprar por fora, por isso que são importantes esses patrocínios diretos da Tintas Iquine, Ara Agrícola, River Shopping, quando junta tudo dá 10.000 (dez mil reais) no mês e a gente consegue direcionar. A diferença é a flexibilidade. Estamos indo quatro para o norte-nordeste agora, vou ter que pagar a diária para o motorista do IF e pagar a hospedagem dos meninos, é uma coisa que surgiu, uma demanda extra, falei com o rapaz do IF se o combustível podia ser bancado por lá e eles responderam que sim, mas o valor do motorista seria com a gente.

H.G. – Quais as posições dos principais atletas no ranking nacional atual?

D.N. – Justino Pedro é 2º lugar na Maratona, Nubia de Oliveira, do projeto do Professor Ferreirinha, está entre as três primeiras do 5.000m e 10.000, isso no Olímpico, o Henrique, do N-10, é líder do Sub-23 do decatlon.

H.G. – E no paralímpico?

D.N. – No paralímpico, nós temos alguns liderando, Gabriel³⁰ lidera os 5.000m no T46, Samira Brito é líder da categoria dela, 100m e 200m T36, a gente ganhou quinze medalhas de ouro em São Paulo, Antônio Carlos³¹ lidera no T11, cego total, nos 1.500m e nos 5.000m, Janilsson³² de Oliveira também lidera nos 1.500m e 800m, T46, Antônio Carlos nos 5.000m, T36, foram quinze medalhas de ouro que a gente ganhou em São Paulo, normalmente quem ganhou essas medalhas estão liderando nas classes deles.

H.G. – O que a APA Petrolina representa para você, e qual a contribuição na sua vida pessoal e profissional?

D.N. – A APA pra mim hoje é um estilo de vida, minha vida está totalmente ligada a APA, hoje eu tento desassociar um pouquinho, vida pessoal, APA, se não a gente fica dentro daquele mundo, mas a APA é estilo de vida, acho que é renovação, superação, é um trabalho espetacular, lá atrás eu me perguntava se todo esse sacrifício vai valer a pena, hoje eu vejo que valeu a pena, está valendo a pena, todo aquele sacrifício lá atrás, pra ter chegado até aqui, algumas coisas não deram certo, mas isso faz parte da vida, a gente está em constante aprendizado, constante superação, a gente precisa se manter firme nos nossos objetivos e sempre buscar crescimento pessoal, esportivo, não esquecendo dos nossos, não deixando de cuidar dos nossos, acho que isso é o mais importante.

H.G. – Além do “feedback” de resultados, que é o principal objetivo da APA, o “feedback” de agradecimento pessoal que os alunos passam para você, de que forma os alunos te agradecem pelo que você faz por eles?

³⁰ Gabriel Ferreira Lima.

³¹ Antonio Carlos Mendes Alves De Brito.

³² Janisson de Oliveira Santos.

D.N. – A gente escuta muitos elogios e agradecimentos, cinco anos depois você foi treinador de alguém e você topa com ela e recebe os agradecimentos por tudo aquilo que viveu através do esporte, de aprendizado, de ensinamento, isso não tem preço, teve uma menina que andou desistindo do atletismo e eu e o Professor Adriano, e ele me disse para não deixarmos de lado e me chamou para irmos até a casa dela, e eu liguei para a mãe dela perguntando se poderíamos ir até a casa dela conversarmos, fomos lá, ele era cega total, 13 anos, ela disse que não queria mais, Carina estava guiando ela e me disse que a atleta não queria mais e não gostava, eu falei para Carina que não podia desistir dessa forma, sem nem tentar direito, fui com Adriano na casa dela e a gente conversou com ela e vimos que ela estava aborrecida porque estava acordando 5h todos os dias para treinar, e eu disse que ela só precisava ir duas vezes na semana, a gente conversou bastante com ela e conseguimos trazê-la de volta, levamos ela para participar da Olimpíadas Escolares em São Paulo, ganhou medalha, a mãe dela ficou encantada com a conquista, quem guiou a atleta foi a própria mãe, a atleta gostou muito, conseguimos uma parceria com o instituto de olhos, eu estava chegando na casa do Professor Adriano e quando estava chegando lá, comecei a ouvir o áudio da mãe da atleta e comecei a chorar ao ouvir a mãe agradecendo por não termos desistido de sua filha, estava chegando na casa de Adriano, toquei a campainha e quando ele abriu a porta e saiu também estava chorando, porque a mãe também havia mandado o áudio pra ele, e eu perguntei a ele o que foi e ele me respondeu que a mãe de Alice³³ havia mandado um áudio pra ele, que não suportou a emoção e também chorou, e eu chorando também [risos]. É assim, eu acho que não tem preço.

H.G. – Você se imagina hoje fora da APA, já que misturou sua vida pessoal com a APA, já que você representa a APA até na sua folga, na sua casa, você já parou para imaginar se você conseguiria, de repente, viver sem a APA?

D.N. – Em outros momentos eu acho que não, mas hoje eu vejo que é possível viver sem a APA, vai chegar um momento que vamos ser sucedidos, eu e Natanael estamos tentando organizar de uma forma que isso venha a acontecer e que tenhamos sucessões, eu e Natanael não vamos estar na APA a vida toda, a gente tem a ideia de formar sucessores, Carina que está chegando agora, estamos agregando pessoas novas para lá na frente gerir a instituição.

³³ Esthefany Alice Da Silva Andrade.

Eu tinha essa mesma concepção lá no Colégio da Polícia, era treinador de atletismo e não conseguia me ver longe do Colégio, sem treinar os meninos, eu pensava que se eu saísse, acabava o atletismo, mas fui ficando desgostoso lá dentro, situações acontecendo, eu levando na cabeça toda hora, e eu percebi que não estava mais valendo a pena, peguei licença e não estou sentindo falta, deixei de treinar o pessoal, não montei equipe esse ano, vou colocar alguns que ainda têm idade escolar e que treinavam comigo, esses eu vou inscrever, vão participar dos jogos na semana que vem. Acho que em outras épocas eu estaria me martirizando, me culpando por não ter colocado, mas hoje eu estou super tranquilo com relação a isso, hoje eu me vejo, eu ficava pensando que quando me aposentasse na polícia e ficasse sem isso aqui, mas nesses quatro meses de licença que estou tirando eu percebi que podia ficar sem a polícia tranquilamente.

H.G. – Tem horas que temos que viver pra gente, temos que fazer uma autorreflexão, temos que saber se estamos no caminho certo, pra gente, pra nossa saúde, para o nosso futuro, é importante.

D.N. – Exatamente. Essa vida louca que eu estava, acabei meu casamento, sei que não foi somente culpa minha, contribuiu, mas faltou compreensão de ambos os lados, assim como eu também muitas vezes não estava enxergando o lado dela, ela também não estava enxergando o meu lado, então foi uma coisa que culminou com isso.

H.G. – Isso também fez você refletir sobre o Domingos pessoa e o Domingos professor da APA?

D.N. – Eu pretendo entrar em outro relacionamento, mas, com certeza, eu vou ter uma outra visão, para saber lidar com cada situação, ceder aqui, ganhar lá na frente, perde aqui e ganha ali, a balança tem que estar equilibrada.

H.G. – Você gostaria de complementar com mais alguma informação?

D.N. – Gostaria de agradecer a oportunidade de falar um pouquinho dessa história vivida através do atletismo, na construção da APA, do nosso atletismo regional, estadual e hoje nacional, internacional agora, vários resultados, isso não é um trabalho imediatista, é um

trabalho de longas datas, esses resultados não aconteceram da noite para o dia, é muito trabalho, muito sacrifício, eu acho que a gente está numa pegada boa, no caminho certo, é isso, acho que a gente conversa muito, mas termina não contando tudo, a APA tem muita história bonita, muita história linda, de superação, de conquista, essa conquista agora do Campeonato Brasileiro Paralímpico foi um marco, eu vi a emoção nos olhos de Natanael, esse mundo paralímpico, eu estou vivenciando de 2018 pra cá, Natanael está desde 2008, ele alugando carro, indo para Belém do Pará, com Josoaldo e Daniel dentro do carro, dirigindo, Natanael está desde o começo, também teve um processo de fim de relacionamento, lá atrás, eu acho que é isso, a vida são processos, hoje eu vejo que a gente tem que respeitar os processos e trabalhar para que o processo inicie da forma que tem que ser, para que os resultados possam acontecer, seja no âmbito familiar, pessoal, esportivo, no âmbito de trabalho, a gente é ansioso, queremos o resultado hoje, mas o esporte nos mostra que os resultados vêm, com dedicação, com trabalho, com empenho, as coisas vão acontecer, mas tem que ter paciência foco e respeitar o processo.

H.G. – Domingos, a gente agradece sua disponibilidade, sua entrevista, como eu disse no início, é fácil você falar da APA, porque você se envolve, você coloca o coração lá, como bem falou, como você fechou, a questão do sacrifício, e essa entrevista foi de extrema importância para o nosso projeto, é um projeto de resgate e acompanhamento da história da APA, pra quem vier depois tentar ter ideia de como ela surgiu, hoje a APA é grande, mas não nasceu grande, a ideia deste projeto é mostrar a trajetória da APA, claro que, como você falou, de uma forma bem resumida, mas a gente vai tentar pegar os principais acontecimentos, pra quem ver a APA como está, ter onde buscar como a APA nasceu, como evoluiu, o que a APA proporcionou para as pessoas que por lá passaram, e, principalmente, para que a história não morra, não fique lá para trás esquecida, e que sirva de combustível para apoiadores, para voluntários e para atletas, então muito obrigado pela disponibilidade e pelas palavras.

[FINAL DA ENTREVISTA]